

SIMPÓSIO AT048
SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA - VII

LINGUAGEM, MEMÓRIA E ARGUMENTAÇÃO: UM ESTUDO A PARTIR DE PRODUÇÕES TEXTUAIS EM SITUAÇÕES AVALIATIVAS

SANTOS, Rosita da Silva
Professora do Curso de Letras e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ
rosita.santos@unijui.edu.br

Resumo: Neste estudo, busco verificar por que o aluno egresso do ensino médio não consegue avançar na elaboração de um texto com argumentos de lugares-próprios, utilizando-se de argumentos de lugares-comuns na elaboração dos mesmos (Fiorin, 2015; Faraco e Tezza, 2013; Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005). Para buscar responder a esta questão, apoio-me na teoria sociointeracionista de Vygotsky (1996; 1988), que parte da ideia de homem enquanto corpo e mente, enquanto ser biológico e social e enquanto participante de um processo histórico-cultural. Vygotsky defende a ideia de contínua interação entre as condições sociais e as bases biológicas do comportamento humano, partindo de estruturas orgânicas elementares, determinadas basicamente pela maturidade, através das quais se formam novas e mais complexas funções mentais, as quais dependem basicamente das experiências sociais a que os indivíduos se acham expostos, constituindo as suas memórias (Izquierdo 2006; 2010; 2011). Para isso, faço um estudo das redações do vestibular da UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2018/Verão, 2018/Inverno, buscando, a partir dos conceitos de argumentação por lugar-próprio e lugar-comum, demonstrar quais memórias os acadêmicos de licenciaturas acionam no momento de produção de texto em situação avaliativa. Para demonstrar a ausência de argumentação de lugares-próprios e o alargado uso de argumentação por lugares-comuns nos textos de vestibulandos, busco demonstrar, através da análise textual discursiva, que o ensino de produção de texto deve ser uma atividade epilinguística, em que o sujeito opera sobre a linguagem, e não metalinguística, em que se usa a linguagem para falar/abordar sobre ela própria.

Palavras-chave: Linguagem; memória; argumentação;

Abstract: In this study, I try to verify why the student graduated from high school can not advance in the elaboration of a text with arguments of own places, using arguments of common places in the elaboration of the same ones (Fiorin, 2015, Faraco and Tezza, 2013; Perelman and Olbrechts-Tyteca, 2005). In order to answer this question, I support Vygotsky's (1996, 1988) socio-interactionist theory, which starts from the idea of man as body and mind, as a biological and social being and as participant of a historical-cultural process. Vygotsky defends the idea of continuous interaction between social conditions and the biological bases of human behavior, starting from elementary organic structures, determined basically by maturity, through which new and more complex mental functions are formed, which basically depend on the social

experiences a that individuals are exposed, constituting their memories (Izquierdo 2006; 2010; 2011). To do this, I do a study of the textual productions of the UNIJUÍ college entrance exam - Regional University of the Northwest of the State of Rio Grande do Sul, 2018 / Summer, 2018 / Winter, searching, based on the concepts of argumentation by own place and common place, demonstrate which memoirs undergraduate academics trigger at the time of producing text in an evaluative situation. In order to demonstrate the absence of argumentation of own places and the wide use of argumentation for common places in the texts of students, I try to demonstrate, through the discursive textual analysis, that the teaching of text production must be a epilinguistic activity, in which the subject operates on language, not metalinguistics, in which language is used to speak / approach about itself.

Keywords: language; memory; argumentation

Introdução

A perspectiva histórico-cultural defende a premissa de que é possível desenvolver a memória a partir da apropriação de conceitos e de que o desenvolvimento de conteúdos/conceitos é condição para que a memória involuntária se transforme em voluntária, a ponto de fazer com que os estudantes sejam capazes de ler e interpretar com proficiência um texto. Com a produção textual não é diferente, visto que ela precisa ser direcionada a um motivo, pois a ausência de motivos geradores de sentido, no momento da produção de texto, em geral faz com que estas atividades sejam longas e cansativas.

Em situações avaliativas (nos vestibulares, no caso), parte-se do pressuposto de que os vestibulandos possuem vários esquemas em mente, conhecimentos prévios, memórias formadas, tanto cotidianos quanto científicos, levando em consideração o tempo de escolaridade e os esforços empreendidos no sentido de conseguir que eles se diferenciem e se destaquem dos demais.

Seguindo nesta perspectiva, os alunos teriam esquemas diversos sobre os mais variados temas, o que possibilitaria que eles escrevessem textos bem fundamentados e com boa argumentação. Entretanto, não é o que podemos verificar, na maioria das vezes. E por que isso acontece? Uma possibilidade é o fato de que, no processo mnemônico, a recordação é afetada por transformações inconscientes, ligadas a interesses e sentimentos.

A formação e a evocação das memórias são fundamentais para o rendimento escolar e, por isso, pessoas com déficit de atenção terão rendimento escolar baixo e um desempenho ineficiente no trabalho (IZQUIERDO, 2006). Os estados de ânimo, as emoções, a ansiedade, o estresse são alguns dos responsáveis pela não formação de memórias. Um aluno estressado, por exemplo, não forma memórias em sala de aula e, no momento da evocação, apresentará dificuldades para fazê-lo.

Sendo assim, o objetivo deste texto é o de analisar as produções textuais de vestibulandos candidatos às licenciaturas, a fim de verificar que tipo de memória eles conseguem operar com relação à temática e que argumentos utilizam na elaboração de seus textos. Com isso, pretendo demonstrar, através da análise textual discursiva, que o ensino de produção de texto deve ser uma atividade epilinguística, em que o sujeito opera sobre a linguagem, e não metalinguística, em que se usa a linguagem para falar/abordar sobre ela própria.

1. Linguagem e memória: uma perspectiva histórico-cultural

A abordagem vygotskyana privilegia o ambiente social, pois, segundo Vygotsky, o desenvolvimento varia conforme o ambiente, a relação do sujeito com o mundo, mediada por instrumentos e signos. A linguagem tem papel central no desenvolvimento cognitivo, posto que ela é fator de interação social e visto que é através dela que se modificam os processos mentais.

Para Vygotsky (1996), durante o desenvolvimento, o sujeito é capaz de adotar procedimentos externos e internos de comportamento. Os internos, ou individuais, estão relacionados ao comportamento da própria pessoa - são os comportamentos intrapsicológicos. Já os externos são coletivos e estão relacionados à cultura, visto que são formados através de um comportamento coletivo – são chamados interpsicológicos. Vygotsky ressalta que o desenvolvimento individual é produto da aprendizagem, das interações entre o sujeito que aprende e os agentes mediadores de cultura. Dessa mediação

resultam os processos psicológicos superiores, tais como atenção, memória, esquemas mentais, entre outros.

A memória é o que permite o armazenamento das informações, atuando na construção coletiva da cultura, levando-nos à apropriação da informação cultural e permitindo múltiplas formas de interação. Tudo o que há no homem provém da sua vida em sociedade, da sua cultura, criada pela humanidade. Esta experiência é específica, visto que não se forma na vida dos diferentes indivíduos, mas é produto do desenvolvimento de numerosas gerações e transmite-se de uma geração à outra.

O termo “memória” foi definido por Izquierdo (2011, p. 11) como “aquisição, formação, conservação e evocação de informações”. Ainda segundo o autor, a “aquisição é também chamada de aprendizado ou aprendizagem” (idem, p. 11), porque só é possível gravar aquilo que foi aprendido. E evocar é recordar, lembrar, recuperar.

O passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários, não só nos dizem quem somos, como também nos permitem projetar o futuro; isto é, nos dizem quem poderemos ser. O passado contém o acervo de dados, o único que possuímos, o tesouro que nos permite traçar linhas a partir dele, atravessando, rumo ao futuro, o efêmero presente em que vivemos. (IZQUIERDO, 2011, p. 11).

O termo “memória” abrange também a história de uma cidade, de um país, fazendo parte também a memória individual das pessoas. O que diferencia um tipo de memória de outro são os mecanismos de aquisição, armazenamento e evocação, segundo Izquierdo (2011). Conforme o autor, as memórias não são adquiridas imediatamente, tal como se apresentam, podendo ser susceptíveis a interferências por outras memórias.

Quando falamos de memória argumentativa, estamos falando de memórias que se constituem/se formam para toda a vida, não somente para uma situação pontual, tal como o vestibular. Sendo assim, a evocação de memórias para o uso efetivo da argumentação não se dá através da decoreba, mas através de um verdadeiro exercício de linguagem.

2. Memória e argumentação: as produções textuais em situações avaliativas

Argumentar é a arte de convencer e persuadir (FIORIN, 2015; KOCH e ELIAS, 2016; ABREU, 2006). Todavia, segundo Abreu, os termos *convencer* e *persuadir* não podem ser considerados sinônimos. Convencer é fazer com que o outro ou os outros concordem conosco, mas isso é insuficiente, por exemplo, se queremos que a pessoa aja e faça alguma coisa a partir do convencimento. Alguém pode estar convencido da necessidade de fazer algo, mas não agir no sentido de mudar a situação.

Fiorin (2015) destaca que, na argumentação, existem os lugares-próprios e os chamados lugares-comuns. Os lugares-próprios seriam aqueles específicos de uma ciência, de um campo discursivo. As leis, por exemplo, possuem lugares-próprios, visto que fazem parte do campo discursivo jurídico e nos permitem estabelecer regras gerais. Já os lugares-comuns são “formas vazias comuns a todos os argumentos” ou “estereótipos, proposições muito repetidas”. (BARTHES, 1975, *apud* FIORIN, 2015).

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), qualquer assunto pode ser debatido sob dois aspectos: levando em conta fatos, verdades e presunções, que estão relacionados àquilo que não se discute, que é real e verdadeiro; e levando em conta valores e sua respectiva hierarquia, que estão relacionados às preferências, àquilo que se acredita ser verossímil. Neste caso, o julgamento de valor leva em consideração alguns aspectos e despreza outros.

A proposta de redação

A partir da análise de textos produzidos por vestibulandos candidatos às licenciaturas da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, foi possível perceber que, em sua maioria, os estudantes utilizam-se de argumentos de lugares-comuns. É importante reconhecer os lugares-comuns, mas essa não é tarefa fácil, porque “o chavão permeia todos os pontos de vista e pode fossilizar mesmo a opinião mais honesta, sincera e bem-intencionada”. (FARACO e TEZZA, 2011, p. 212).

Para este texto, foram analisadas duas sequências discursivas, retiradas de redações do VESTIBULAR UNIJUÍ VERÃO/2018, que traz uma reportagem com a seguinte manchete: “Jovens buscam boa formação profissional e emprego estável, diz pesquisa”. A reportagem aborda o fato de que, durante uma conferência em Austin, nos EUA, uma empresa nacional apresentou os resultados do que chamou de “Sonho Brasileiro”. Nessa pesquisa, ficou revelado o que jovens entre 18 e 24 anos pensam sobre o Brasil e sobre o papel desempenhado por eles na sociedade. A ideia era a de descobrir se os jovens acham que podem mudar o país e como podem fazer isso efetivamente. Analisando o trecho abaixo, denominado de sequência discursiva (SD1), é possível perceber uma apologia ao presente em detrimento do passado, alegando que, no passado, as gerações tinham sonhos maiores do que poderiam ou deveriam ter.

(SD1) As gerações anteriores tinham seus sonhos maiores do que si mesmos, pois a dificuldade fazia ser impossíveis. Hoje se tem oportunidades, sonhos feitos a desafiá-los, os incentivos de familiares, pessoas que nos piores dias de sua vida estão ali, lutando por você, entregando seus ombros para confortá-los, pessoas assim que devemos dar a maior valorização.

Ao afirmar que as gerações anteriores “tinham sonhos maiores do que si mesmos” e dizer que hoje há oportunidades, fica pressuposto que não havia no passado. Além disso, ao sugerir que as dificuldades tornavam impossíveis os sonhos, a vagueza foi utilizada no termo “dificuldades”, impossibilitando o entendimento sobre a que dificuldades o candidato se refere. Além disso, há referência à necessidade de luta, com uma evocação/chamamento do leitor, numa clara tentativa de controle sobre os sentimentos do leitor, buscando levá-lo a se comportar de acordo com o modo como essas relações são descritas pelo autor. São os chamados textos exortativos, discursos comportamentais com a função de modificar o comportamento dos seus leitores, influenciando-os no sentido de fazer ou de deixarem de fazer algo.

Outras formas de utilizar-se de argumentos de lugares-comuns é o fato de valorizar a verdade pelo que é eterno; o provável sobre o improvável; o fácil sobre o difícil (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 99). A

apresentação do normal como norma exige o lugar da quantidade, ou seja, prioridade da norma sobre o normal, entendido aqui como natural, habitual.

(SD2) O sonho de qualquer jovem hoje em dia é ter uma qualificação profissional, um emprego estável. Mas qualquer pessoa pode ter esse sonho realizado? Sim. Todos podem ter esse sonho realizado, pois nascemos na era digital tudo ao nosso redor se move com tecnologias. Com toda essa tecnologia que temos ao nosso alcance podemos ir e vir com toda facilidade, basta querer.

No trecho acima, ao afirmar ter nascido em uma era digital, com várias tecnologias disponíveis, o candidato sugere que é a quantidade disponível de materiais tecnológicos que poderá fazer a diferença, procurando validar a ideia de que alguma coisa é superior à outra por ser proveitosa a um número maior de pessoas. Além disso, ter tecnologia disponível parece ser suficiente para que as pessoas possam ir e vir com facilidade, o que não pode ser considerado verdadeiro, visto que a liberdade de locomoção é um dos direitos fundamentais garantidos pela constituição e não está ligada às tecnologias.

O que se percebe pelas sequências discursivas acima é que os trechos não se propõem a contestar nada, não transformam e não propõem novas maneiras de ensinar/aprender, ou mesmo novas reflexões – simplesmente repetem vozes presentes na sociedade, especialmente aquelas voltadas para o senso comum. Para evitar que isso aconteça, é preciso levar em consideração a legitimidade da proposta que estamos defendendo, o desenvolvimento do raciocínio para demonstrar a aceitabilidade ou legitimidade dessa proposta, a quem se dirige o nosso argumento, além de buscar memórias e argumentos que possam dar conta da temática solicitada.

Considerações finais

Como se evoca memória para a produção textual? O estímulo das habilidades cognitivas melhora a capacidade intelectual. Atividades como a discussão de temas polêmicos, antes da produção do texto, podem melhorar a autoestima dos estudantes e a satisfação pessoal, permitindo o êxito na resolução de situações cotidianas e, assim, permitindo uma maior autonomia na produção textual.

Além disso, a evocação de memórias está ligada ao motivo – que leva à apropriação de conceitos e de argumentos suficientes para dar conta de uma temática. Argumentar exige memória e exige conhecimento prévio sobre o assunto. Daí a importância de se investir, na escola, em atividades que levem os estudantes a descobrirem o prazer de escrever e de argumentar. Um indivíduo desmotivado poderá apresentar dificuldades com relação à atenção e, em consequência disso, poderá não haver a aquisição/formação de registros mnemônicos, o que poderá influenciar o aprendizado.

Enfim, há formas de melhorar a motivação para aprender, por exemplo, não fazendo com que a educação, em qualquer nível, seja rotineira. Alterando metodologias, talvez seja possível fazer com que o aluno sinta prazer com o aprendizado. Além disso, é importante lembrar o que Vygotsky ressalta com relação ao desenvolvimento individual: que ele é produto da aprendizagem, das interações entre o sujeito que aprende e os agentes mediadores de cultura e é dessa mediação que resultam os processos psicológicos superiores, tais como atenção, memória, esquemas mentais, entre outros.

Referências

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar**. Cotia: Atiliê Editorial, 2006.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

IZQUIERDO, Iván. **A arte de esquecer**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2010.

IZQUIERDO, Iván. **Questões sobre memória**. 3ª reimpressão, Porto Alegre: Unisinos, 2006.

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. **Prática de texto para estudantes universitários**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

PERELMAN, Chan & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação – a nova retórica**. Trad. Maria E.G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VYGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. Martins Fontes Editora Ltda. São Paulo/SP 1996, 4ª edição.